



Literaturas de Autoria INDÍGENA



DANGLEI DE CASTRO PEREIRA
LUZIA APARECIDA OLIVA
(ORGS.)

Literaturas de Autoria INDÍGENA



DANGLEI DE CASTRO PEREIRA
LUZIA APARECIDA OLIVA
(orgs.)

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é dos autores .
[1a edição]



Elaboração e informações

Universidade de Brasília
[Instituto de Letras, Campi Darci Ribeiro]
[Departamento de Teoria Literária e Literaturas]
Campus Universitário Darcy Ribeiro, [L2 , 240] CEP: [79910-900] Brasília - DF, Brasil
Contato: (61)3107-7700 Site: www.unb.br E-mail: danglei@unb.br

Conselho Editorial:

Adriana Lins Precioso – UNEMAT
Antonio Aparecido Mantovani - UNEMAT
Ana Crélia Dias – UFRJ
Lucilene Machado Garcia Arf - UFMS
Lucilo Antonio Rodrigues – UEMS
Rosana Cristina Zanelatto Santos – UFMS
Susanna Busato – UNESP
Wellington Furtado Ramos – UFMS

Editora:

Universidade de Brasília
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Equipe técnica:

Capa: Samuel Moura Andrade
Criação: Samuel Moura Andrade
Fotos: Waraxowoo'i Maurício Tapirapé
Projeto gráfico e diagramação: Samuel Moura Andrade



P436 Pereira, Danglei de Castro

Literaturas de autoria indígena / Danglei de Castro Pereira; Luzia Aparecida Oliva (orgs.).
– Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas,
2022. 143 p. : il

Inclui bibliografia.

ISBN: (físico) 978-65-89350-05-7

ISBN: (digital) 978-65-89350-04-0

1.; Literatura – Estudo e ensino. 2. Etnoliteraturas. 3. Educação Básica – Brasil. I.
Título.

CDU



[...] a maior contribuição que os povos da floresta podem deixar ao homem branco é a prática de um ser uno com a natureza interna de si. As tradições do Sol, da Lua e da Grande Mãe ensinam que tudo se desdobra de uma fonte única, formando uma trama sagrada de relações e inter-relações, de modo que tudo se conecta a tudo. O pulsar de uma estrela na noite é o mesmo do coração. Homens, árvores, serras, rios e mares são um corpo, com ações interdependentes. Esse conceito só pode ser compreendido por meio do coração, ou seja, da natureza interna de cada um. Quando o humano das cidades petrificadas largar as armas do intelecto, essa contribuição será compreendida. Nesse momento, entraremos no ciclo da unicidade, e a terra sem males se manifestará no reino humano.

(JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio, 2020, p.64)

ÍNDICE

NOTA AO LEITOR

PARTE I - ARTIGOS

PELOS IGARAPÉS DA ESCRITA LITERÁRIA INDÍGENA -----
----- *Luzia Aparecida Oliva*

**CULTURA DE UM POVO: A CIÊNCIA E AS ARTES DE UMA
OMÁGUA-KAMBEBA** -----
----- *Luiz Renato de Souza Pinto*

**MEMÓRIA E RESISTÊNCIA EM PROJETOS E PRESEPADAS DE UM
CURUMIM NA AMAZÔNIA, DE EDSON KAYAPÓ** -----
----- *Leila Sílvia Sampaio*

**O PERCURSO DA IDENTIDADE EM OLHO D'ÁGUA: O CAMINHO DOS
SONHOS DE RONI WASIRY GUARÁ** -----
----- *Delma Pacheco Sicsú*

**LITERATURA INFANTIL INDÍGENA E OS SABERES DA
ANCESTRALIDADE: NO CAMINHO DA ALDEIA, COM OLÍVIO JECUPÉ E
DANIEL MUNDURUKU** -----
----- *Rosana Rodrigues da Silva*

**A POÉTICA INDÍGENA FEMININA DE POTIGUARA, GRAÚNA, KAMBEBA E
TABAJARA** -----
----- *Rosivânia dos Santos*

PARTE II - ENTREVISTAS

**COM A PALAVRA, JULIE DORRICO: A LITERATURA INDÍGENA E SEUS
CONTORNOS** -----
----- *Julie Stefane Dorrico Peres, Leila Sílvia Sampaio*

**LITERATURA E ATIVISMO DE EDSON KAYAPÓ E ALINE NGRENHTABARE
L. KAYAPÓ** -----
----- *Edson Kayapó, Aline Ngrenhtabare L. Kayapó, Leila Sílvia Sampaio*

NOTA AO LEITOR

Os artigos e as entrevistas que compõem este e-book são resultados das ações do projeto de pesquisa O escritor nativo por ele mesmo: literatura e representação (2020-2022) desenvolvido na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – campus de Sinop, sob a coordenação da Profa. Luzia Aparecida Oliva.

O objetivo do projeto, já concluído, consistiu em divulgar, ler e debater acerca da produção literária de autoria indígena no Brasil e ampliar seu alcance. Assim, as obras foram lidas por estudantes de graduação e pós-graduação, professores do Ensino Básico e Superior, de diversas instituições, entre elas, UNEMAT, UnB, UEA que contribuíram de maneira significativa na divulgação de autores e obras. Os encontros virtuais (Plataforma Google Meet) possibilitaram o acesso a muitos profissionais da educação que não poderiam participar se fossem realizados de maneira presencial. Isso também se justifica em virtude da pandemia que impôs outros caminhos tecnológicos a serviço da pesquisa e extensão.

Estamos certos de que o projeto cumpriu sua finalidade socioeducacional e, agora, torna público o resultado por meio de artigos de pesquisadores e entrevistas com escritores indígenas. Registra-se o agradecimento aos envolvidos que fizeram esse percurso de leitura e se propuseram a manter viva a tradição dos povos originários pelas histórias narradas e pelas vozes autorais.

Agradecimento ao Prof. Waraxowoo'i Maurício Tapirapé que, gentilmente, cedeu as fotos de seu acervo para que compusessem a capa. São registros do interior da cultura de seu povo. Por meio dessas imagens, dedicamos este trabalho aos povos originários que, desde a invasão, lutam incansavelmente pela Mãe Terra.

Os organizadores

PARTE I

ARTIGOS

Vale lembrar que a literatura indígena - [...] – nasceu com o primeiro sopro vital e criador. Foi crescendo Palavra e se transformando em escrita mais recentemente. Talvez possamos pensá-la em um movimento de transição em que oralidade e literatura criaram uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra. Quero dizer com isso que a literatura não apaga a oralidade ou vice-versa. As duas se complementam, se fundem no mesmo movimento do espiral que junta passado e presente como um método pedagógico que se atualiza constantemente.

(MUNDURUKU, Daniel. Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. 2017, p. 122)

A POÉTICA INDÍGENA FEMININA DE POTIGUARA, GRAÚNA, KAMBEBA E TABAJARA

Rosivânia dos SANTOS

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

generorose@hotmail.com

Este texto tem por propósito analisar as particularidades etnopoéticas¹ indígenas presentes nos textos de autoria feminina. Tais singularidades serão investigadas por meio dos aspectos² mais recorrentes em seus poemas, percebendo que há uma intencionalidade em reconhecer, valorizar e reafirmar as identidades. Além disso, tais categorias se constituem como estratégia de desconstruir os estereótipos que são veiculadas na sociedade brasileira, criados pelos colonizadores e replicados por grande parte da elite dominante que detém o “poder” de decidir o que deve ser posto como “verdade”.

Para análise, recorri aos poemas de quatro autoras indígenas: Eliane Potiguara, Graça Graúna, Márcia Kambeba e Auritha Tabajara. A escolha desses nomes se deu por considerar que é imprescindível ressaltar o pioneirismo das mulheres na literatura indígena. Eliane Potiguara foi quem inaugurou a literatura indígena brasileira contemporânea nos moldes tradicionais, ou seja, em seu formato impresso, levando-se em consideração que a literatura indígena sempre existiu, desde tempos imemoriais, configurando-se por meio das histórias ao redor da fogueira e no caminho da roça, do canto, da dança, da oração, da meditação, do silêncio e das vozes da floresta, ou até mesmo na forma de amassar o barro e construir as casas.

Em 1975, Eliane Potiguara publica seu primeiro poema-pôster “identidade indígena”, que se constitui também como a primeira publicação de um texto literário escrito por um indígena. Em 1999, Graça Graúna publica seu primeiro livro *Canto mestizo*, sendo que até nessa data só havia três publicações de caráter individual:

Antes o mundo não existia, de UmusiPārōkumu e TorāmuKehíri, publicado na década de 1980; *Todas as vezes que dissemos adeus* (1994), de Kaká Werá e *Histórias de índio* (1996), de Daniel Munduruku. Além dessas publicações, Graúna se destaca por ser a primeira indígena a publicar um livro na área de teoria da literatura indígena. Auritha Tabajara, a primeira cordelista indígena, em 2018 publica *Coração na aldeia, pés no mundo*, um cordel com traços autobiográficos, seu livro mais conhecido. Márcia Kambeba é a artista mais plural de todas, pois além de escritora, é também cantora, compositora e fotógrafa.

1 Compreende-se o conceito de etnopoética pela perspectiva do poeta estadunidense Jerome Rothenberg: “A etnopoética é uma ressignificação da poética que pressupõe uma forma diferente de leitura, não seguindo os parâmetros da poética ocidental e nem obedecendo às normas europeias. Sua proposta não é excluir as formas poéticas já existentes consideradas cânones, mas incluir aquelas julgadas marginais” (SANTOS, 2021).

2 O levantamento desses aspectos recorrentes nos poemas de Graça Graúna e Eliane Potiguara foi desenvolvido na pesquisa de mestrado de Rosivânia dos Santos, que foi publicada em 2021: *Os cantos indígenas de Eliane Potiguara e de Graça Graúna*.

Soma-se a isso, a necessidade de contribuir com a reverberação dessas vozes silenciadas ao longo de tantos anos, pois se há uma imensa discriminação tratando-se das produções dos indígenas, quando se trata das mulheres a realidade é ainda mais cruel e injusta. Esse fato pode ser comprovado pelo número de obras publicadas de autoria masculina, que é bem maior do que as publicações de autoria feminina, como fica notório no quadro de autores que está no livro *Os cantos indígenas* de Eliane Potiguar e de Graça Graúna (2021).

Para perceber as especificidades das autoras analisadas aqui, mostrarei, no transcorrer do texto, os recursos linguísticos utilizados que contribuem para o reconhecimento, a reafirmação e a valorização das identidades indígenas. Posto isto, selecionei duas categorias para serem examinadas:

1. O canto como poética

Na concepção de Jerome Rothnerber (2006), é óbvia a definição de poema como palavras-canções, porém ao tratar-se de literatura indígena essa obviedade tem uma justificativa que se relaciona aos costumes, às tradições e às culturas³ dos povos originários. O canto integra a vida dos indígenas e está presente em diferentes ocasiões, tanto em momentos que celebram a vida, quanto nos momentos que choram a morte de alguém.

Nascida na aldeia do povo Ticuna, chamada Belém dos Solimões, neta da professora e ativista Assunta, a poeta Márcia Kambeba mantém uma relação muito próxima com o canto, tendo em vista que ela costuma participar de saraus literários, onde aproveita para apresentar os seus poemas em forma de música, além disso, faz parte de um grupo musical e, ao participar de eventos, é prática iniciar ou finalizar com um canto. Em seu livro *Lugar do Saber* (2021), o canto é mencionado diversas vezes, vejamos um trecho:

Coração forte
Que a nossa canção indígena
Venha o canto na cidade ecoar
Já chegaram os ancestrais,
Fumando rapé para os guerreiros soltar.

Vamos beber nossa caiçuma
A paz queremos mostrar
Levanta nação Assurini e vem lutar
Nossos guerreiros viemos buscar.

Minha flecha é a palavra
Trago no meu forte coração
Um anawê a libertação.
(KAMBEBA, 2021, p. 22)

3 O uso do plural é justificado aqui por se tratar de diferentes nações indígenas, ou seja, possuidoras de culturas diferentes.

O fragmento transcrito representa um forte desejo que pulsa no coração do eu poético, como é possível perceber pela presença do verbo “vir” conjugado no modo subjuntivo “Que [...] venha”. Ou seja, o canto indígena que ecoa pela cidade representa as vozes dos ancestrais que reclamam pela liberdade dos guerreiros e pela construção da paz. O poema apresenta um teor de luta, porém a arma apresentada é a palavra, que se materializa em forma de canto ou poema.

Essa estratégia de luta utilizando o canto como arma, pode ser comparada aos costumes dos esquimós, que recorriam à competição de canções para resolverem seus conflitos internos (LARAIA, 2001). Kambeba representa a identidade do seu povo no poema pela alusão a elementos da cultura indígena: anawê, flecha, Assurini, caiçuma e rapé.

Filha da terra e de Tupã, a potiguara Graça Graúna nasceu na cidade São José do Campestre, próxima à aldeia Catu no estado do Rio Grande do Norte, onde vivem seus parentes, nas horas vagas costura e faz aquarelas com café. Compõe o grupo de poetas que nomeiam os seus poemas como cantos. No poema “Canto mestizo”, tirado do livro Canto mestizo (1999), o substantivo “canto” presente no título, tanto pode ser lido como sinônimo de poema, quanto como sinônimo de canção, tendo em vista que há a repetição do verbo “cantar” no desenrolar do texto, como é possível verificar pela leitura:

Donde hay una voluntad
hay un camino de espera.
A pesar de las fronteras
las cárceles se quebrantan.
Mira en mi tierra mestiza
un pájaro de América canta.

Canta la Libertad, hermano!
Canta la Libertad!

Canta la fuerza del Pueblo
del niño solo en la calle
del campesino y el obrero
hermanos de la Verdad.
La Libertad incendia
tu voz cruzando el aire.

Canta la Libertad, hermano!
Canta la Libertad
(GRAÚNA, 1999, p. 36).

A presença do refrão concede ao poema característica de canção e também representa a influência da tradição oral, dado tão relevante para compreender a estética literária indígena.

Graúna fia essas palavras-canções para os seus irmãos americanos, por isso se dirige a eles utilizando o espanhol, idioma predominantemente utilizado na América. O Canto, no poema, representa um grito de deso-

bediência aos colonizadores quando impunham o silenciamento, além de denunciar uma realidade onde prevalece a separação entre os povos e a ausência das liberdades, como podemos notar pelo uso dos vocábulos “fronteiras” e “carceles”, retrata e celebra a identidade mestiça dos “pueblos de las Américas”, bem como ressalta a força dos “niño, campesinos e obrero”.

O uso do idioma espanhol atribui um caráter multilinguístico aos poemas de Graúna, o que se torna recorrente em sua obra. Outra característica importante que aparece nesse poema é o uso do vocativo “hermano”, com a função de se dirigir ao leitor, chamá-lo para a escuta e convidá-lo a cantar a liberdade.

Apreciadora de repentos e aboio, nascida na aldeia Ipueiras, interior do Ceará, Francisca Gomes de Matos, em arte, Auritha Tabajara, imprime o seu ritmo na palavra por meio do cordel. Aos nove anos de idade, Auritha cordeliza sua autobiografia. Em seu livro *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), explica que escreve rimas desde que foi alfabetizada, e que essa paixão por cordel nasceu ao ouvir o seu tio e padrinho ler *Patativa do Asaré*, nas tardes de domingo, como era de costume. Outro motivo que a levou a despertar o amor e encantamento pelas rimas foi ouvir as canções de violeiro cantadas por sua tia nas colheitas de feijão.

No trecho abaixo, retirado do folheto *A lenda do Jurecê* (2020), Auritha designa o seu cordel como cantiga:

[...] É umas das muitas lendas
Contadas por minha avó,
Fala sobre um curumim,
Filho de dona Jacó,
Ele chorou na barriga,
E inspirou essa cantiga,
Que desata qualquer nó.
(TABAJARA, 2020) ⁴

Potiguara são entoadas para convidar as mulheres a encendrar toda a agonia gerada pela imposição do silenciamento, pela solidão e pela violência sofrida. Eliane Potiguara faz um chamado, por meio do vocativo “irmã”, para que as mulheres rompam o silêncio por meio do canto:

Vem, irmã
lava tua dor na beira do rio
chama pelos passarinhos
e canta como eles, mesmo sozinha
e vê teu corpo forte florescer.
(POTIGUARA, 2004, p. 76-77).

Os textos poéticos de autoria feminina indígena representam diversas vozes, inclusive a voz de outras mulheres, como por exemplo, das anciãs. Somam-se a elas, a voz da terra, das águas, dos rios, dos passarinhos,

4 A lenda do Jurecê (2020) compõe a coleção memórias ancestrais é organizada pela também escritora indígena Julie Dorrico. A publicação não apresenta número de páginas.

das árvores, dos animais, da natureza. A escrita das mulheres indígenas se origina da necessidade de transformar em textos literários tais vozes ancestrais, ensejando assim, que as tradições sejam transmitidas para a sociedade. Logo, infere-se que a voz poética do trecho acima corresponde às diversas vozes indígenas femininas, já que retrata uma realidade compartilhada.

Ao abordar os “poemas” com o significado semelhante ao substantivo “canto”, tem-se em vista que as autoras os delineiam como inerentes à vida dos povos indígenas. Logo, entende-se que os cânticos são guardiões das tradições e das espiritualidades, como afirma Fuscaldó “Os cantos são em si possibilitadores de experiências de alteridade e conhecimento num contexto de interação do mundo humano com o de outros povos-espíritos e animais” (FUSCALDO, 2016, p. 115).

As etnias como marcas de identidades

A literatura indígena configura-se como uma estratégia que os povos originários delinearam para mostrar a sua origem, ou melhor, o seu pertencimento étnico, além do mais, é possível afirmar que há certo orgulho em afirmar tais pertencimentos. Como é possível notar por meio do trecho abaixo, retirado do poema “Cara de aldeia”, de Márcia Kambeba:

[...] De pele morena ou clara

Sou assim:

Kambeba, Munduruku,

Suruí, Paliku, Pankararu

Kumaruara, Tembé,

Arapiun, Sateré

Arara, Tirió, Apinajé. [...]

(KAMBEBA, 2021, p. 47)

O título já insinua a desconstrução de estereótipos: qual é mesmo “a cara da aldeia”? Alguns indígenas não possuem os estereótipos retratados pelos colonizadores, e muitas vezes, isso é motivo de questionamento sobre as suas identidades, as suas etnias. Há indígenas de pele morena, de pele negra, de pele clara. Alguns possuem cabelos lisos, outros possuem cabelos ondulados e até mesmo crespos. Há indígenas que possuem baixa estatura, mas há também aqueles de alta estatura. Alguns vivem na aldeia, outros na cidade. Há aqueles que falam as suas línguas originárias, o português e quando residem nas fronteiras é comum que falem o espanhol. Ou seja, não existe uma “cara de índio”, porque há diversas nações, como menciona Kambeba em seu poema, possuidoras de fenótipos distintos.

Negar o pertencimento étnico foi por muitos anos uma estratégia de sobrevivência. Aos povos originários o silêncio foi imposto por longas datas, pois havia e ainda há um projeto de integrá-los à sociedade brasileira. Para isso, precisariam aniquilar as identidades, assim, como método de integração, proibiram o uso da língua e da prática dos rituais de suas espiritualidades. Tais ações são de tamanha violência, que levaram alguns indígenas a perderem a sanidade mental, como se pode observar no poema “A perda dos yanomami”, de Eliane Potiguara:

Eles criticam
Por nos encontrar nas estradas
Alegrem
Por não nos encontrar nos hospícios!...
(2004, p. 40-41)

O projeto do colonizador é de extermínio aos povos originários, e, o mais grave, é que esse processo de colonização não faz parte de um passado longínquo, pelo contrário, é um fantasma que aterroriza até os dias atuais. Quando parte da sociedade brasileira questiona as identidades indígenas, significa está vivenciando tal processo: Índio usa celular? Índio viaja de avião? Índio frequenta universidade? Índio mora na cidade? Índio possui carro? Essas são apenas algumas das perguntas mais comuns que ouvimos, sempre que indígena tem acesso a essas ferramentas. Mas como não encontrar os yanomami pelas estradas se os seus territórios foram assaltados pelos invasores deste país?

Uma das causas de dizimação dos povos indígenas é resultado do comportamento etnocêntrico, que origina apreciações negativas dos padrões culturais de nações diferentes. Assim, as práticas de outros sistemas culturais são elencadas como inferiores, erradas, absurdas, selvagens, antiquadas, deprimentes e imorais (LARAIA, 2001).

Ao destacar o nome de etnias em seus poemas, as autoras estão construindo uma literatura de resistência, indo de encontro a esse pensamento etnocêntrico. Além disso, se configura como uma prática de desobediência ao quebrar o silenciamento e, dessa forma, fortalecer as suas identidades. No livro *Pés na aldeia, coração no mundo*, o povo Tabajara é cantado por Auritha:

[...] Agradeço a Tupã
Por me guardar e inspirar.
Ao meu povo Tabajara,
Pela vida me ensinar.
Se você é como eu,
Sofre ou antes sofreu,
Não desista de lutar.
(TABAJARA, 2018, p. 40)

A história dos povos Tabajara é uma narrativa de lutas, como diz o título do livro publicado por Auritha em 2008, *Toda luta é história do povo Tabajara*. É muito importante para a sociedade brasileira conhecer a história dos povos indígenas contada por eles mesmos, pois é possível reconhecer-se nessas leituras, quando se está disposto a aprender respeitosamente.

Na estrofe do cordel, mesmo quando Auritha se dirige a Tupã em forma de agradecimento, dirige-se também ao povo Tabajara e ao leitor para animá-los na luta constante. Desse modo, sua escrita é de denúncia. Neste contexto, é válido mencionar as lutas das etnias que ainda não reconhecidas pelo Estado brasileiro. Negar um direito constitucional de um povo de se auto-declarar é uma atitude racista que precisa ser combatida.

Sabe-se que não bastam os laços biológicos e consanguíneos para a constituição de um grupo étnico, no entanto, é necessário que haja vínculos culturais entre esses povos. Assim, é possível notar, pela produção simbólica e pela vivência das práticas culturais, essa cadeia que forma a etnia. No trecho do poema, “Ato de amor entre os povos”, de Eliane Potiguara, transcrito abaixo, constata-se algumas características da nação Potiguara:

[...]

E os POTIGUARAS, comedores de camarão
que HOJE – carentes –

nos recomendarão a Tupã.

E te darão o anel do guerreiro – parceiro

E a mim?

Me darão a honra do Nome

A ESPERANÇA – meu homem!

De uma pátria sem fim. [...]

(POTIGUARA, 2004, p. 31-34).

Verifica-se no poema a presença de um traço cultural, o significado do nome potiguara – comedores de camarão. Tupã representa a espiritualidade vivenciada por esses povos e compartilhada culturalmente. Nota-se também que o vocábulo “Nome”, grafado com a primeira letra maiúscula, é sinônimo de honradez para a mulher potiguara, já para o homem é a coragem que o torna um guerreiro. Percebe-se, assim, uma marca peculiar da cultura desse grupo étnico.

O nome da etnia aparece destacado, “POTIGUARA”, afirmando a existência e resistência dessa nação. Assim como o advérbio “HOJE”, a fim de mostrar a sociedade que os potiguara são povos contemporâneos, desconstruindo aquela ideia de que não existe mais “índio”. Por fim, Eliane evidencia a palavra “ESPERANÇA”, compreendendo como um sentimento que deve ser cultivado, pois é preciso acreditar que dias melhores estão por vir. “Carentes” é o adjetivo utilizado para descrever os potiguaras. Carentes de quê? Talvez de uma pátria que ainda não reconhece o direito dos povos originários.

O poema “Nem mais, nem menos”, retirado de Canto Mestizo (GRAÚNA, 1999, p. 40), de Graúna, menciona várias nações indígenas ao definir o homem e a mulher: “Asteka”, “Pankararu”, “Fulni-ô”, “Xavante” e “Potiguar”. A poeta faz alusão a uma identidade comum que une as etnias citadas, a intimidade que possuem com a natureza: os pássaros, a terra, as pedras, os peixes, os rios; com os deuses; e com o universo, os astros e as estrelas.

No poema “Colheita” (GRAÚNA, 1999, p. 48), a etnia é apresentada como uma identificação “uma porção Campestre/ Potiguar de ser”. Graúna ensina que a identidade dos povos Potiguara não se restringe ao uso do cocar, de vestimentas tradicionais e de pinturas corporais, pois estes elementos da cultura são utilizados em momentos especiais, por exemplo, nos rituais, por apresentar uma linguagem simbólica. A identidade Potiguara se define, então, como um jeito de ser e de viver: a maneira como esses povos se

relacionam com o rio, a terra, como faz as plantações da cana e do inhame, e como esperam pacientemente o tempo da colheita, a importância da palavra que se constitui de muitas mãos (a literatura escrita) e de muitas bocas (a literatura oral).

Eliane Potiguara declara que “só a conscientização de quem somos nós, como povos indígenas; ou oriundo de outras raízes, é que vamos perceber, desvelando a riqueza, a preciosidade que existe adormecida na vastidão das mentes, dos corações e dos espíritos” (POTIGUARA, 2007, p. 77). Percebe-se, dessa forma, que, ao particularizar as nações indígenas, citando as etnias nos poemas, são lembradas também aos indígenas as suas origens.

Uma das características da literatura indígena, portanto, é expressar as suas raízes originárias e as suas ancestralidades. Sendo assim, mencionar a etnia nos textos poéticos é uma maneira de reforçar o pertencimento e afirmar a existência e contemporaneidade das nações.

Encaminhamentos finais

Neste texto, os poemas foram investigados pela perspectiva de duas categorias de análise: o canto como poética e a menção das etnias como fortalecedora das identidades. Essas categorias foram levantadas em minha pesquisa de mestrado e somam-se a elas mais cinco: o texto como ruptura, o autorretrato, o vocativo, o vestígio de fronteira e o multilinguismo. Durante a realização da pesquisa, ficou perceptível, que tais aspectos estilísticos foram utilizados com a finalidade de afirmar as existências, fortalecer as identidades e reconhecer as alteridades.

A literatura indígena pode ser entendida como uma estratégia de auto-organização e união entre os povos, capaz de abrir caminhos para recuperar as dignidades feridas, dentro de um contexto brasileiro, em que as instituições oficiais, que deveriam defender os direitos dos povos indígenas são as primeiras a feri-los e negá-los.

Os povos indígenas sentiram a necessidade de dominar as ferramentas e as linguagens dos não indígenas. A literatura escrita é uma delas, assim também é imprescindível ocupar os espaços de produção de conhecimento – as academias – e os espaços de tomada de decisões – a política – para que assim, um dia, seja possível descolonizar a sociedade brasileira.

Quem sabe a descatequização dos olhares permitirá aos não indígenas compreenderem que a luta dos povos originários é coletiva: luta-se pela preservação dos seus territórios, e isso significa lutar pela preservação ambiental, pela defesa dos rios, da floresta amazônica, da Mata Atlântica, enfim, para que as gerações futuras, de um futuro bem próximo, possuam o direito de respirar.

REFERÊNCIAS

FUSCALDO, Arthur Iraçu Amaral. **Ro'wapari'ngo're**: sonhar e pegar cantos no xamanismo a'uwe-xavante. São Paulo: Porto de ideias, 2016.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. 2 ed. São Paulo: UKA, 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

GRAÚNA, Graça. **Canto Mestizo**. Maricá/RJ: Blocos, 1999.

GRAÚNA, Graça. **Fios do tempo**: (quase haicais). Recife: Ed. Baleia Cartonera, 2021.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

POTIGUARA, Eliane. Identidade e voz indígenas. **Revista Filosofia Capital**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 72-85, 2007.

ROTHENBERG, Jerome. **Etnopoesia no milênio**. Trad. Luci Collin. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2006.

SANTOS, Rosivânia dos. **Os cantos indígenas de Eliana Potiguara e de Graça Graúna**. Aracaju: Criação editora, 2021.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. 1 ed. Lorena: UK'A Editorial, 2018.

TABAJARA, Auritha. **A lenda do Jurecê**. Coleção memórias ancestrais, 2020.

A autora

Rosivânia dos Santos – Possui graduação em LETRAS VERNÁCULAS - AGES - FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (2008). Especialização em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialização em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Candido Mendes. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é professora do Colégio Municipal de Ajustina e do Colégio Estadual Castro Alves. Pesquisadora de

Literatura indígena. Autora do livro Os cantos indígenas de Eliane Potiguar e de Graça Graúna.